



A persistência da memória ou Para continuar vivendo

<https://doi.org/10.5281/zenodo.14923710>

Marcelo Braga de Carvalho¹

Sobre o texto

Este texto tem como base depoimentos dados à Comissão Nacional da Verdade, criada em 2011 e que iniciou seus trabalhos em 2012. Esse tipo de comissão é formado para apurar crimes de violação aos Direitos Humanos, geralmente ocorridos em regimes de exceção. O objetivo magno dessas comissões da verdade é investigar em que conjunturas sociais e históricas ocorreram tais violações, trazendo a público fatos que possam ter sido ocultados, modificados ou alterados pelo Estado.

Na História recente do Brasil, atravessamos – entre os anos de 1964 e 1985 – um regime ditatorial militar durante o qual aconteceram muitos desaparecimentos, torturas e mortes. Após quase 30 anos, instalou-se a Comissão Nacional da Verdade para apurar o que – de fato – aconteceu nesse período. Nosso país foi um dos últimos da América Latina a instalar essa investigação.

Esse texto dramático busca regatar depoimentos dados a essa comissão a fim de evitar que esse período caia no esquecimento e que também possa servir de farol para iluminar possíveis atos ditatoriais, visando evitar um processo premeditado de “deslembração” da população promovido por aqueles que desejam apagar essa parte da história do país.

¹ Marcelo Braga (em artes) é professor, diretor, ator e dramaturgo formado pela Escola de Arte Dramática-USP. É doutor pela ECA-USP e mestre pelo IA-UNESP. Foi membro do CEPECA - Centro de Pesquisa em Experimentação Cênica e coordenador de Equipe no PROGRAMA VOCACIONAL da SMC da Cidade de São Paulo. Atua como professor de Teatro na Universidade Anhembi Morumbi e Faculdade Paulista de Arte. Foi indicado ao Prêmio Aplauso Brasil - Melhor Dramaturgia 2018 - com o texto MONTANHA RUSSA. E-mail: mbraga10@hotmail.com.

A persistência da memória

ou

Para continuar vivendo

(texto baseado em depoimentos reais)

Cena 1 - Abertura

No centro do palco, em um foco, três televisões ou telas, uma sobre a outra. Em uma delas, imagens de perseguição de animais selvagens. Na outra, imagens de pessoas catando comida do lixo e morando nas ruas e, na terceira, imagens de uma balada jovem muito animada.

VOZ EM OFF: *(Ao fundo, som persistente de tambores rufando.)* Agradeço a presença de todos nessa audiência pública da Comissão Nacional da Verdade. Esta é uma comissão *sui generis* na história do nosso país pelo fato de ela já ter nascido carregada de significados e por conseguir reavivar em nós, cidadãos brasileiros, o compromisso com a verdade da nossa história recente. Não podemos, sob hipótese alguma, negligenciar esse compromisso. Temos todos aqui uma enorme responsabilidade política e histórica. Apesar de acreditar que os resultados que essa Comissão pode gerar serão pouco significativos, devemos lutar pela sua existência e para que as soluções das nossas diferenças políticas e sociais – nunca mais – descambem para a tortura, a violência, a morte e o desaparecimento. Isso só será possível se, de fato, não deixarmos que a história seja apagada. Isso só será possível, de fato, se a nossa memória for persistente.

B.O.

Trilha – As imagens continuam nas TVs e entra samba enredo em alto volume. Depois de um minuto, som é cortado abruptamente.

Cena 2 - Os depoimentos

(Dois focos de luz, um de cada lado do palco. Estão sentados dois homens, um em cada foco. Depois de cada fala, a luz do foco se apaga e ao ser acesa, na fala seguinte, o ator está em outra posição/relação com a cadeira.)

1: O homem, na sua vida, só tem dois caminhos: ou ele é honrado, honesto e leal ou ele é um canalha, delator e traidor. Eu escolhi o primeiro caminho.

2: Quando falo da minha experiência, que foi tão profunda para mim, eu não estou revivendo aquele tempo. Eu estou VIVENDO de novo aquilo tudo. Então é impossível apagar isso da memória ou achar que isso é só uma descrição de fatos já acontecidos.

1: Nós tínhamos critérios muito justos. Quando o cara era cabeça de chave, aí a gente não tinha outra escolha. Porque essas pessoas não eram pessoas normais. Elas não estavam soltando pipa ou brincando de bola de gude. Elas portavam armas e colocavam outras pessoas em risco. Se esses caras tivessem ficado em casa, ao lado das esposas e filhos, será que isso teria acontecido com eles? Tenho certeza que não!

2: Eles não atuavam sozinhos não. Eles faziam as ações em grupo. Eles só falavam em eliminar as pessoas. Eles cumpriam as ordens com convicção e um grau enorme de sadismo.

1: As pessoas só contam aquilo que interessa para elas. As coisas não foram bem assim. O que existiu foram interrogatórios. E um interrogatório feito de maneira correta não pode ser feito a pão de ló. Você tem um prazo para tirar as informações do inimigo. Então não dá para ser muito suave. Era um momento crucial para o país. Tudo tinha que ficar no lugar certo. Eu não tenho arrependimento de ter cumprido com meu dever. Coloco a cabeça no travesseiro, toda noite, tranquilamente.

2: Era um pavor misturado com ódio. Eu ainda não consigo dizer meu nome. Porque a cada momento que me perguntavam meu nome e eu não respondia, eu era esbofeteado e esmurrado. Fui esmurrado até quebrarem meu osso esterno.

1: Eu vi gente que não abriu a boca, nem com o cano do revólver enfiado no meio dos olhos. Eu mesmo, depois de interrogar um desses, perguntei com o revólver mirando a testa do infeliz: “Qual é o seu nome?” E ele me respondeu: “Eu não tenho nome!” E o que é que eu podia fazer? Puta cara impertinente. Só queria saber o nome. Mas ele não respondeu e ainda foi mal-educado. Aí eu dei um jeito nele. E não me arrependo não. Eu até ganhei um diploma de Pacificador da Nação. Isso significa que eu fiz o que tinha que fazer. Eu só queria defender a integridade e soberania da pátria. A qualquer custo. Doesse a quem doesse.

2: Eles chegaram na minha casa, bateram na porta e, quando me dei conta, eu e minha mulher já tínhamos sido levados, à força, para uma sala não sei onde. No começo eles fizeram ameaças veladas, falavam que iam prejudicar minha família. Depois ameaçavam a minha vida e, por fim, veio a violência física. Mas o momento mais difícil foi quando

ameaçaram torturar minha mulher se eu não falasse o que eles queriam. Eles eram profissionais e não se importavam em ver a gente estrebuchar. Sempre queriam mais violência. A perversidade era o carro-chefe das sessões. Torturar era uma profissão de fé para eles.

1: Há uma grande diferença entre interrogar um homem e uma mulher. A mulher, se o Senhor perguntar sobre uma pessoa que ela ama, ela vai morrer e não vai entregar. O homem, não. O homem, depois de umas duas horas de pressão, ele entrega qualquer um. Até o filho dele.

2: Eu fiquei preso durante 25 dias. E fui torturado por 5 dias seguidos. Sem parar. De todas as maneiras que existiam. As sessões começavam de manhã e iam até a tarde. Mas, depois de alguns dias, a gente perdia a noção do tempo. Eles tiravam a nossa roupa, colocavam a gente no pau de arara, e depois começava a sessão de choques. Começava com choques nas orelhas e na boca e depois iam para outras partes do corpo. Enrolavam os fios, descascados, nos dedos da mão, nos testículos, no pênis, e ligavam a chave. E, entre uma sessão e outra, eles faziam perguntas, davam pancadas, nos ofendiam. Faziam tudo que podiam para que nos sentíssemos humilhados. Gritavam dentro do nosso ouvido: “Seu Filho da puta!!! Você vai falar por bem ou por mal? Por que se você não falar já sabe o que te acontece, não é?”

1: Chega uma hora que você para de contar, se não acaba ficando louco. Digo e repito: a gente fez aquilo por obrigação e não por vontade. E é muito difícil dizer quantos morreram. Eles eram algemados, com as mãos para trás, e ficavam sentados em um banco, esperando as ordens de execução. Eu me lembro de tudo. Dos rostos, dos gritos, dos apelos. Mas não me arrependo de nada, porque fiz tudo para manter a ordem e o progresso de nosso país.

2: É uma coisa simples. Dois cavaletes e um pau. E eles penduravam a gente ali e faziam o que queriam com seu corpo. E, depois disso, você já não é mais você. Para eles é só mais um corpo. E, como eu fiquei mudo, eles resolveram me queimar, por dentro. É uma coisa dolorida para eu falar disso, mas quero deixar registrado para que isso nunca mais aconteça.

1: Eles lutavam por uma causa que não fazia sentido. E então eu não tive escolha. Matei na rua. Nas casas das pessoas, foram poucos, mas matei também. E fiz porque eu não tinha outra saída. Mas isso criava um problemão para nós. A gente tinha que se livrar do sujeito

morto. E, quando você tem que se desfazer do corpo, quais são as partes que podem determinar quem é a pessoa? A arcada dentária e as digitais. Então a gente quebrava os dentes e arrancava as digitais das pontas dos dedos. E, depois jogava em algum rio. O único jeito era jogar no rio, porque a gente não podia deixar nenhum rastro. Não foram muitos. Eliminei tantos quantos foram necessários.

2: A tortura não tem só por objetivo arrancar informação da gente. O que eles querem mesmo é acabar com aquele ser humano. Terminar com toda e qualquer resistência humana que poderia existir. Depois disso eu tive que me reconectar comigo mesmo. Reconectar a minha cabeça ao meu corpo. Eu sentia como se a minha cabeça tivesse sido separada do meu corpo. E pensava que, depois daquilo tudo, eu tinha deixado de ser eu mesmo.

1: A tortura não tem só o lado ruim. Ela é um meio de se obter a verdade. Quando você quer saber uma verdade, tem que apertar o cidadão, se não ele não conta. Simplesmente assim. A tortura, em elemento de grande periculosidade, é válida. Muitos problemas seriam resolvidos, hoje em dia no Brasil, com alguns processos de convencimento forçado. Tem quem chame isso de tortura. Eu não, eu chamo isso de manutenção da ordem.

2: Os atos de tortura ainda estão acontecendo no meu corpo e na minha cabeça até hoje. Apesar dessa memória viva, que ainda queima na minha pele, eu penso: Olha, cara! Valeu a pena ter passado por tudo aquilo! Não desiste, vai em frente e conta pro mundo a tua história. É a única maneira de continuar vivendo!!!

B.O.

Cena 3 - Final

(Nas TVs ou telas no meio do palco, serão projetadas cenas e falas de políticos se xingando e se ameaçando – inclusive fisicamente – no Congresso Nacional. Depois de um minuto, somem as imagens e começa projeção de texto abaixo, em silêncio.)

“É antiga praxe no Brasil efetuar a prisão arbitrária de pessoas, o que em si mesmo já é uma violência. Essas prisões ocorrem muitas vezes por manifesto abuso de autoridade, baseadas em simples suspeita, não sendo exagero afirmar que para muitos policiais brasileiros ‘todo indivíduo negro e pobre é suspeito até prova em contrário’. São também muito comuns as detenções arbitrárias rotuladas de ‘prisão para averiguações’, sem

nenhum fundamento legal. Em todos esses casos, o detido ou preso é submetido a violências físicas e humilhações, sendo forçado a permanecer encarcerado em condições degradantes. incompatíveis com a dignidade da pessoa humana.” (DALMO DALLARI)²
B.O.

Submetido em: 09 set. 2021

Aprovado em: 15 nov. 2021

² CASTRO, Reinaldo Oscar. Direitos Humanos: conquistas e desafios. São Paulo: LETRAVIVA, 2001.